

REMEDIAR LOS CUIDADOS. A APROPRIAÇÃO DA EPÍSTOLA HORACIANA NA ESPANHA DO SÉCULO XVI

Ricardo Hiroyuki Shibata

É consenso entre os historiadores da literatura hispânica que as obras poéticas de Horácio estiveram quase ausentes das práticas literárias da Idade Média, a despeito de sua *Ars Poetica* (a *Epistola ad Pisones*) ser muito conhecida, comentada e seguida. Mesmo assim, nos alvares do movimento humanista italiano, a poética horaciana era objeto mais de interesse filológico com suas explicações de caráter histórico do que propriamente do exame da doutrina acerca da criação poética. Esta ausência se confirma com Dante, cujo grande modelo, como se sabe, era Virgílio, e com Boccaccio, que afirma ser “Horácio” apenas um nome famoso, mas cuja obra poética era, para ele, completamente desconhecida. Foi Petrarca, sem dúvida alguma, com suas *Epistulaemetricae*, o pioneiro na redescoberta de Horácio e, em particular, de suas epístolas em verso. A partir daí, a influência se estende, não só pela Itália dos humanistas, mas um pouco por toda a Europa, com a ação dos discípulos mais diretos do caminho aberto por Petrarca, sobretudo com seu herdeiro direto na chancelaria florentina, ColuccioSalutati, e, depois, pelos comentários a Horácio escritos por Cristóforo Landino e Ângelo Poliziano (CRUZ, 1988).

Em particular, as epístolas horacianas em verso foram imitadas pelos versos latinos de Ariosto, em suas *Satire* (c.1550), e traduzidas para toscano por Lodovico Dolce. Pela mesma época, aparece por primeira vez em castelhano a “Epístola de Garcilaso a Boscán”, redigida em 1534 e publicada em *Las obras de Boscán y algunas de Garcilaso de la Vega*, em 1543, que “though not translating, imitating or paraphrasing any given passage of Horace’s works, was the author of the first Horatiane pistle in Spanish literature”(RIVERS, 1954, p.183). Ou, como afirma Rafael Lapesa, “La primera epístola horaciana de nuestra literatura es la que Garcilaso dirige a Boscán en octubre de 1534. Aunque no deriva especialmente de ninguna de las de Horacio, responde al tipo de aquellas en que el venusino mezcla lo doctrinal y lo familiar” (IDEM, IBIDEM, p.184). E ainda Elias Rivers acrescenta, de modo peremptório, que se trata, efetivamente, não de mera imitação de temas e motivos mobilizados por Horácio, porém, isto sim, de uma questão muito mais complexa de tipologia do gênero literário e sua adaptação ao ambiente das práticas letradas tradicionais da poesia de corte cultivada no reino de Castela (IDEM, IBIDEM, p.185).

Assim, ao examinar a referida epístola inaugural de Garcilaso, a primeira constatação é de que é escrita em “verso suelto” (verso branco) e em *terzarima*, cuja combinação não possuía precedente na literatura hispânica. Na Itália, o verso solto era considerado uma inovação recente, introduzida há pouco por Trissino em sua tragédia *Sofonisba* (1515); uma novidade que logo

se alastrou pelos tradutores e comentadores da poesia amorosa de Ovídio; entretanto, a "terza rima" já fora o verso preferencial na escrita de poesia de índole moral ou satírica, seguindo o exemplo da *Divina Comedia* de Dante, como foram utilizados por Antonio Vinciguerra (*Satire*, 1495) e Ariosto (*Satire*, 1517-33) – muito próximas tipologicamente das epístolas horácianas e únicos modelos à disposição de Garcilaso para as suas composições em vernáculo. A escolha de Garcilaso, que conhecia muito bem não só a obra de Horácio, mas também mantinha contato freqüente com as inovações literárias humanistas de Itália, pode ser explicada pela imitação da informalidade, característica de uma composição endereçada a amigos e familiares. Nesse sentido, isto também reverte em vantagem para a dicção que acaba por se assemelhar à prosa, aliado ao uso alternado de registros coloquiais e eruditos.

Sobre essa base, assentam-se os elementos que caracterizam a forma epistolar e o arranjo do conteúdo doutrinal, ou seja, de um lado, com a determinação do nome do remetente, as despedidas e saudações de amizade mútua ao destinatário e o lugar e data, e de outro, com a modulação entre os aspectos informais das expressões de amizade entre remetente e destinatário e a parte especulativa, retirada estrategicamente da *Ética* de Aristóteles, que se adequa perfeitamente ao colóquio entre ausentes pelo contexto em que se insere.

Se, em linhas gerais, esse fundo comum de formas, temas e motivos está presente tanto em Garcilaso quanto em Horácio, no entanto a partir da análise mais atenta da estrutura epistolar adotada por Garcilaso é possível determinar pelo menos três razões para concluir que o modelo imediato da epístola de Garcilaso "A Boscán" (se é que de fato há algum, e não uma combinação erudita de várias fontes) não foi o das epístolas em verso de Horácio.

Primeiro, a despeito de o tom ser amistoso e familiar, com fortes implicações no conteúdo e no estilo, em Horácio, a questão da amizade é trazida sempre como pano de fundo do discurso principal e nunca aparece problematizada de modo relevante, com o destinatário exercendo tão somente o papel de apoio textual para o desenvolvimento de todo um discurso sobre o ideal de vida segundo os parâmetros da virtude. O tema da amizade e seus desdobramentos é imprescindível para Garcilaso. Ele é muito claro quando propõe que seu intento é "del amistad mostro el camino (...) porque lo sepais en pocos uersos", e que "considerando los prouechos, / las honras, y los gustos que me vienen / desta uuestra amistad, q[ue] en tanto tengo: / ninguna cosa en mayor precio estimo"(GIRÓN DE REBOLLEDO, 1543, fol.211).

Segundo, na epístola de Garcilaso, são abundantes os sinais que apontam para um tipo de comunicação real e privada entre dois interlocutores congregados por laços estreitos de amizade, pelo cultivo das letras e pela busca da virtude. Estão presentes os índices textuais da carta, vale dizer, a referência ao destinatário ao abrir o texto da epístola ("SeñorBoscan", v.1), e o local e a data da escrita ("doze delmes de Otubre, dela tierra / do nacio el claro fuego del Petrarca, / y donde estan del fuego las cenizas", vv.83-85); a distinção entre o "presto, distinto, de ornamento puro: / tal, qual a culta epistola conuiene" e a "amistad perfecta" expressa pela "carta" que escreve (v.7ss); as referências a um amigo comum ("a mi señor Dural estrechamente, / abraça de

mi parte, si pudierdes”, vv.81-82); as informações sobre seu estado pessoal em relação ao percurso que está realizando com remissões a conversas anteriores (“quan corrido estoy, y arrependido / de aueros alabado el tratamiento: / del camino de Francia las posadas, / corrido, de que por mentiroso / conrazon me teneis arrependido / de auer perdido tiempo”, vv.65-71); e, em particular, as referências a certas informações que ambos compartilham e que facilmente poderiam ser descodificadas pelos interlocutores, porém que não devem ser esclarecidas para o leitor ou sequer publicizadas (“las cosas que no tienen nombre”, v.3; “llegar al fin a Napoles no auiendo / dexado al la enterado algun thesoro: / saluo sino dezis que es enterrado / lo que nunca se hallani se tiene”, vv.77-80).

Esta parte em que o remetente dá informações extensas de ordem pessoal ao destinatário está praticamente ausente das epístolas horácianas, por isso Horácio dá a entender que escreve suas epístolas para fornecer conselhos para a vida ideal em conformidade com a prática das virtudes e, além disso, servir de modelo literário para imitação com vistas à posteridade e, nunca, para satisfazer uma circunstância concreta, como se refere, por exemplo, a menção ao lugar de onde se escreve como vemos na epístola de Garcilaso. Em termos formais, o discurso de Horácio apresenta-se, em geral, muito compacto, continuado e sem fissuras, emulando de perto uma conversa informal entre amigos distantes, enquanto que a epístola de Garcilaso possui saltos e quebras bruscas, com grandes perdas para a os elementos coesivos do discurso. Isto é particularmente claro, sobretudo, na nítida separação entre a parte dedicada às notícias do remetente para o destinatário e aquela destinada ao esclarecimento acerca da doutrina da amizade. De fato, toda a epístola parece querer comprovar que Garcilaso, ao sinalizar que está respondendo a uma outra remetida por Boscán, é interlocutor digno de confiança, em especial, se pensarmos na longa parte final de índole especulativa e racional destinada à amizade.

Terceiro, conquanto se possa afirmar uma carta não se converte em epístola por ser escrita em verso, há que se reconhecer que a epístola de Garcilaso por ser em verso, cuja envoltura formal requer maiores habilidades lingüísticas e técnicas, pressupõe um público leitor mais amplo do que um único destinatário particular, assemelhando a sua composição aos esquemas da *oratio* retórica. Para tanto, as estratégias de Garcilaso constituem-se na utilização de tópicos exordiais, reflexões metacríticas, especulação filosófica de aplicação universal, com o enquadramento de informações de natureza privada em gêneros literários reconhecíveis (sátira, tratado e, obviamente, epístola moral). Assim, a epístola de Garcilaso seria um esboço no capítulo das práticas letradas do período dedicado à renovação das formas e gêneros literários, ou seja, um “experimento literário”, cuja lembrança, mais do que, de fato, programa, remeteria às epístolas de Horácio. Ora, isto estaria plenamente de acordo com a intenção mais geral de Garcilaso em ampliar o leque de possibilidades formais e temáticas das formas genéricas de seu tempo: pratica o verso branco adaptando-o aos esquemas do vernáculo e depois busca superar a lírica de matriz petrarquista, de um lado, ampliando o espaço formal do soneto, de outro, restringindo a restrição temática da canção e da elegia (LAPESA, 1948, p.318).

E quarto, como entende Luján Atienza, a epístola de Garcilaso a Boscán pode ser lida como uma sátira, vale dizer, “el sentido original de mezcla de géneros, tonos y registros y abre un espacio dialógico (en el sentido bajtiniano) consigo misma y con la tradición que le precede y que le va a seguir”. Essa mistura de diversos gêneros articularia diversos níveis de leitura e levaria à dificuldade em reconhecer mais precisamente sua especificidade como gênero literário. Mas também, essa carta privada para Boscán, que com sentido de emulação estilística do *sermo* clássico, prevê sua leitura pública e coletiva, isto é, como a *oratio* das arengas e dos discursos de aparato (LUJÁN ATIENZA, 2003, p.179-181).

Bartolomé Pozuelo Calero também considera que a epístola de Garcilaso a Boscán não é uma epístola horaciana, no entanto acrescenta não se tratar de uma “sátira epistolar”. Trata-se tão somente de uma “epístola natural”, em que o objetivo é o reconhecimento da amizade entre ambos. Em verdade, o tema fundamental da carta de Garcilaso é o reforço da relação de amizade com o destinatário, isto é, aquilo que na Antiguidade justamente constituía-se a razão de ser da escrita de cartas. Em Garcilaso, não se encontra a mensagem moral plasmada à análise de passagens da vida quotidiana tão característica das epístolas horacianas. Assim, suas características de “carta natural em verso” seriam o produto da imitação do modelo formal e dos temas das *Epistolaemetricae* de Petrarca (POZUELO CALERO, 2000, p.82).

De uma forma ou outra, mesmo os testemunhos de época se revelam problemáticos para resolver definitivamente a questão. O grande comentador quinhentista das poesias de Garcilaso, Fernando de Herrera, em suas *Anotaciones a la poesía de Garcilaso* (1590), é extremamente sintético com relação à natureza específica das novidades introduzidas pelo maior de todos os poetas do início do Renascimento em Espanha, resumindo a relacioná-las com as partes da retórica. Assim, quanto à *inventio*, Garcilaso “halla com agudeza i perspicácia”; à *dispositio*, “dispone con arte i juízo”; e à *elocutio*, seguindo os preceitos de Cícero, Herrera explica que Garcilaso, no *aptum*, “está lleno de lumbres i colores i ornato poético, donde lopi den el lugar i la matéria”, na *puritas*: “tiene riquíssimo aparato de palabras ilustres, significantes i escogidas con tanto concierto que labelleza de las palabras da luz al orden”, e, no uso de *ornatus*, “está todo lleno de ornamentos i bellezas, que no se puede manchar ni afean con un lunar que se halle en él” (HERRERA, 2001, p.209).

É, por isso, que Francisco de Medina, editor quinhentista dos comentários de Herrera, retomando o *topos* da língua como companheira do império, presente em Nebrija, ressalta que Garcilaso é o “príncipe de los poetas castellanos”, isto é, aquele em quem “claro se descubrió cuánto puede la fuerza de un excelente ingenio de España i que no es imposible a nuestralengua arribar cerca de lacumbre donde ya se vieron lagriega i latina”. E, após realizar considerações de vária ordem, conclui que “si en nuestra edad á avido excelentes poetas, tanto que puedan ser comparados con los antiguos, uno de los mejores es Garci Lasso, cuya lengua sin duda escogerán las musas todas las vezes que uvieren de hablar castellano” (IDEM, IBIDEM, p.187).

É justamente por isso que, para Herrera, Garcilaso não pode ser considerado, de modo algum, um imitador servil dos clássicos e, muito menos, dos modelos literários italianos. Herrera reage de maneira violenta contra

aqueles que apenas copiam os modelos cultivados por Petrarca sem o devido trabalho de emulação, vale dizer, sua crítica dirige-se contra os que:

desnudan sus intentos sin escogimento de palabras i sin copia de cosas (...) Yo, si deseara nombre en estos estudios (...) no pusiera el cuidado en ser imitador suyo, sino endereçara el camino en segimientode los mejores antiguos, i juntando en una mescla a éstos con los italianos, hiziera mi lengua copiosa i rica de aquellos admirables despojos, i osara pensar que con diligencia i cuidado pudiera arribar a donde nunca llegarán los que no llevan este paso. (HERRERA, 2001, p.208)

E mais adiante, ratifica a necessidade desta autonomia: “por esta vía se abre lugar para descubrir muchas cosas, porque no todos los pensamientos i consideraciones de amor i de las demás cosas, que toca la poesía, cayeron en la mente del Petrarca i del Bembo i de los antiguos”, mesmo porque “no supieron inventar nuestros precessores todos los modos i oservaciones de la habla; ni los que aora piensan aver conseguido todos sus misterios i presumen poseer toda su noticia vieron todos los secretos i toda la naturaleza d’ella”. (IDEM, IBIDEM, p.209)

Não é por acaso que Herrera dedica grande parte de suas *Anotaciones* aos sonetos de Garcilaso, justamente o gênero em vernáculo no qual Petrarca mais havia se destacado. A única epístola que chega comentar é justamente aquela que vimos tratando, a epístola a Boscán. Explica inicialmente que os “versos sueltos”, cuja origem é o “vulgar italiano”, são assim denominados “por no ligarse con alguna lei de números de semejante cadencia en el último asiento”, sendo “invención de los poetas modernos, porque no se halla memoria d’ellos en los antiguos italianos” (IDEM, IBIDEM, p.668). Aqui, Herrera não se detém em tratar a epístola como gênero autónomo, mesmo porque, ao que parece, ele a enquadra no gênero elegíaco e ao uso da *terza rima*. Quando explica o percurso histórico da elegia dos gregos até os modernos, e depois de citar por várias vezes a arte poética de Horácio, afirma que o primeiro a utilizar a *terza rima* foi Dante Alighieri na *Divina Comédia*, emulando o verso heróico dos latinos, “nos sirvemucho este genero de metro para escrever elegias i cosas amatorias i epístolas i sátiras, i esmuy acomodado para tratar istoria” (IDEM, IBIDEM, p.570).

Sobre a amizade, Herrera anota que “Es l’amistad una onesta comunión de voluntad perpetua”, afirma, com Salústio [*De Coniuratione Catilinae* XX, 14], que “es firme amistad cuando quiere uno lo mismo que su amigo i no quiere lo que él dexa de querer” e, com Cícero [*Pro Cn. Plancio oratio*], que “ningún vinculoai más cierto de amistad que el consentimiento i la compañía de los consejos i voluntades” (IDEM, IBIDEM, p.669). Porém, não há nenhuma menção às epístolas horacianas.

E fecha seu comentário observando que apenas a adoção do “verso suelto” permite a datação da epístola – ele se refere à *conclusio* – “Doze del mes d’otubre, de la tierra / do nació el claro fuego de Petrarca / i dond’ están del fuego las cenizas” –, entretanto destaca que:

aunque en ningún genero de versos se devedezir como se dizen en la prosa, porque no todo lo que se admite en el la tiene lugar en el verso; que la poesia se sirve del modo figurado i artificioso, en el cual, en cuanto toca al dezir sólo, le es grandemente inferior la oración suelta; mas este vicio es tan común en Italia, que casi ningún buen escritor á dexado de incurrir en él. (HERRERA, 2001, p.671-672)

Pois bem, se os mais eminentes hispanistas ainda debatem o caráter horaciano da epístola em verso de Garcilaso de la Vega a Boscán, pelo menos num ponto todos eles são absolutamente unânimes: a troca epistolar entre Hurtado de Mendonza e Boscán, mais precisamente, duas epístolas em verso denominadas "Epístola de Don Diego Hurtado de Mendonza a Boscán" (redigida c.1540) e "Repuesta de Boscán a Don Diego Hurtado de Mendonza" (c.1540), seguem, sem sombra de dúvida, o modelo horaciano. Aquela, de Hurtado de Mendonza, seria, então, de fato, a primeira epístola marcada pela imitação direta de uma dada composição epistolar em verso de Horácio (LAPESA, 1948, p.144-146; RIVERS, 1954; LÓPEZ ESTRADA, 1961, p.95). Vale lembrar que as três referidas epístolas em verso foram publicadas pela primeira vez em *Las Obras de Boscán y algunas de Garcilaso de la Vega*, em 1543, o que sinaliza claramente o fato de esses autores fazerem parte do mesmo círculo literário, em que Boscán figurava à cabeça (porque o mais velho e, à época, o mais famoso), seguido imediatamente por Garcilaso e Hurtado de Mendonza, todos eles secundados por outros autores menos conhecidos, quanto igualmente importantes, como MosénDurall, Gutierre de Cetina, Jerônimo Augustín e Monleón.

As epístolas em verso trocadas entre Boscán e Hurtado de Mendoza são claramente horacianas, porque ambas se fundamentam na emulação, e em alguns momentos na tradução, da tão conhecida epístola em verso *Nil admirari* (I, VI), considerada a mais doutrinal de todas as epístolas de Horácio. Além disso, foram escritas em *terza rima* e não em versos brancos, e, ao seguir o modelo horaciano, Boscán e Hurtado de Mendoza pressupõe que a epístola escrita em verso possui como função precípua dar bons conselhos sobre a conduta ética mais adequada para a vida em virtude.

Boscán, em sua "Respuesta de Boscan a Don Diego e Mendoca [sic]", organiza três tópicos fundamentais. O primeiro, a constituição de um retrato (*ethos*) favorável de si mesmo com fortes marcas do sábio (filósofo) estóico. O segundo, o tema do *beatuisse*, amplificado pela animada descrição da vida de Boscán na corte – que pode ser dividida, por sua vez, em três outros tópicos: o contraste entre o contentamento da vida no campo com as ambições desmedidas da vida na cidade, a descrição da vida no campo em companhia de verdadeiros amigos e de boa comida, e o amor da leitura dos excelentes autores antigos, com forte presença de elementos autobiográficos. E o terceiro, o uso de elementos autobiográficos.

Assim, o conhecido *topoïdo* "emmaravillas no marauillado / estara, sin sentir iamas estremos" (vv. 44-45) de matriz horaciana quadra perfeitamente com a versão estóica da ataraxia de alguém que, fora do emaranhado das paixões, é capaz de aconselhar o destinatário com ordem e equilíbrio. Aqui, a

esse ideal do sábio acrescenta-se também a *aurea mediocritas* clássica, que se adquire seguindo os preceitos da filosofia:

No curemos de andar tras los extremos,
puesdellos huye la philosophia,
delos buenos authores que leemos.

(...)

Ande firme y derecha la templança,
Como hombre que passea por maroma
Que no cae, porque no se abalança.

(...)

El estado mejor de los estados,
es alcanzar la buena medianía,
con la qual se remedian los cuydados. (GIRÓN DE REBOLLEDO, 1543, fol.156)

E, atendendo plenamente ao modelo horaciano, propõe a vida retirada no campo, não em solidão, mas em companhia da esposa. Como se sabe, a questão do casamento não faz parte do decoro das epístolas de Horácio, a despeito de ter sido um dos *topoi* mais discutidos no Humanismo (“Y asiyo por seguir aquellauia, / beme casado con una muger, / ques principio y findel alma mia”, GIRÓN DE REBOLLEDO, 1543, fol.156) (PÓNTON, 2002, p.185). Boscán chega mesmo a afirmar, com o aval da nota autobiográfica, que o casamento e as letras, enquadrados nesse ambiente campesino, são os elementos que concorrem para a verdadeira felicidade.

De manera señor, que aquel reposo
que nunca alcance yo, por mi uentura,
con mi philosophia triste y pensoso:

Vna sola muger me la assegura,

y en perfetasazon me dã en las manos,

uitoria general de mi tristura. (GIRÓN DE REBOLLEDO, 1543, fol.157)

No entanto, para se distanciar do modelo horaciano, Boscán concebe a vida no campo, não como a crítica à vida na cidade (*fugereurbem*) – a despeito de concordar que o ambiente citadino é favorável aos males e aos perigos do vulgo e dos maliciosos (aliás, este tema será glosado inúmeras vezes pela epistolografia peninsular do século XVI), entretanto como tempo necessário e estratégico de repouso a fim de recuperar as forças para as atividades da vida cívica:

Passaremos assi buena iornada,
Agora en la ciudad ora en la aldea,
Porque la uida este mas descansada.

Quando pesada la ciudad nos sea,

Iremos al lugar con la compañã,

adonde el importuno no nos uea,

Assi se biuira con menos maña,

Y no aura el hōbretãto de guardarse,
del malo o del grosero que os engaña. (GIRÓN DE REBOLLEDO, 1543,
fol.158)

Nesse sentido, a epístola de Boscán guarda muitas semelhanças estruturais com a epístola de Hurtado de Mendoza ("Epístola de Don Diego Hurtado de Mendoca [sic] a Boscan"), pois, além, obviamente, de ambas emularem o modelo das epístolas horacianas em verso, elas também se apropriam dos temas do *beatuisse* e do *nil admirari* desempenhando-os na mesma *dispositio* retórica, desenvolvendo a questão do elogio do campo e dos proveitos que a vida distante da corte pode proporcionar em termos morais e utilizando o recurso de incorporar traços autobiográficos em meio aos conselhos de índole moral (embora esse traço seja muito mais presente em Boscán do que em Mendoza).

No entanto, Hurtado de Mendoza desempenha a tópica do *nil admirari* de modo muito mais próximo daquele realizado por Horácio (a primeira metade de sua epístola é quase tradução literal da epístola horaciana) com ênfase no problema da *aurea mediocritas* muito mais que Boscán (REICHENBERGER, 1949). Não há por parte de Hurtado de Mendoza qualquer esforço de se distanciar dos temas horacianos por excelência. Para ele, é suficiente tão somente seguir de perto os preceitos e motivos de Horácio e adaptá-los ao contexto quinhentista hispânico. Isto é particularmente claro quando Mendoza afirma que "El no marauillarse hombre de nada / me parece Boscan ser una cosa que basta a darnos uida descansada" (fol.148, vv.1-3) em relação à vida na corte e à cobiça dos cortesãos. Quer dizer:

Que iuzgas de la tierra, y sus rincones
del espacioso mar, que assien rriquece
los apartados indios con sus dones
Que dizes del que por subir padece
la ira del soberuio cortesano?
y el desden del priuado quando crece. (GIRÓN DE REBOLLEDO, 1543,
fol.148)

A partir daqui, os argumentos de Hurtado de Mendoza se dirigem a exaltar a dedicação à filosofia e à vida virtuosa, sobretudo com o despreendimento dos bens materiais, que "al hombre torna ciego" e o distancia da "uirtud" que "uiene sola, y pura". Assim procedendo, pode-se estar "libre de passiones", "libre de las mareas del gouerno: / y de la loca esperança desabrada". Porém, isto só se faz, com o cultivo da justa mediania, com o retiro para o campo e com a memória dos tempos passados ("el maniar seria / mas rustico, pero dulce y tierno: / El uino antiguo, nunca faltaria") (GIRÓN DE REBOLLEDO, 1543, fols.150-152). Ademais, esse retiro campestre não é o retiro para a vida solitária e contemplativa, pois é preenchida, como em Horácio, pela companhia dos verdadeiros amigos:

Vendriatida la bondad de coraçon
toda la uida sabrosa con Dural.

Traeríades con uso a Monleon
Assi se reyria del bien y del mal
y cada uno hablaria su guisa
y escuchara el que no tiene caudal. (GIRÓN DE REBOLLEDO, 1543,
fol.153)

Pode-se afirmar perfeitamente que todas as primeiras epístolas em verso, publicadas na Península Ibérica, remetem cada uma a sua própria maneira, ao modelo das epístolas em verso de Horácio. Mais precisamente, para dizer com Elias Rivers, em resumo:

Wefindhere, as in Horace, a rather clear cut division between two types of epistle. That of Garcilaso, in blank verse, is an informal, occasional note in which generalization on the subject of friendship at no point exclude the concretely personal tone of friendship between the writer and the addressee. This epistle (...) has a concentrate unity, which is unattainable in long epistles like those of Mendoza and Boscán. The latter, in *terzarima*, are more like the modern essay (...). Mendoza and Boscán continue the classic Horatian themes of Stoic calm, the Golden Mean, the simple pleasures of country life, and friendship. But Boscán successfully brings in new elements: he reserves the country not only for the enjoyment of literature and wine, but also for the happiness of family life; and, what is more, he finds city life, too, very pleasant socially. (RIVERS, 1954, p.193-194)

Mais ainda, o acréscimo da noção de cortesia e dos princípios da filosofia cristã, aliados aos temas morais presentes em Horácio, demonstra que Garcilaso, Boscán e Mendoza não são apenas repetidores ou meros imitadores servis de Horácio. Além disso, na epístola de Boscán, está presente, em destaque, a temática amorosa – do casamento cristão, mais especificamente –, que pela regra do decoro clássico não poderia figurar nas discussões acerca do ideal de vida filosoficamente mais perfeito.

López Estrada observa que o conjunto dessas epístolas em verso, cujo caráter inaugural na Península Ibérica é, sem dúvida alguma, surpreendente, pode muito bem ser interpretado à luz daquilo que Castiglione, em seu *O Cortesão*, por sinal traduzido por Boscán (MIDDLEBROOK, 2008), expõe acerca da teoria do cavaleiro renascentista, segundo certa tradição que funda suas raízes nos tratados medievais. Sobre as práticas do letramento, o tratado de Castiglione, que é, antes de tudo, uma teoria da ação para o homem de corte e em que não há situação para a qual não exista um conselho adequado de índole pragmática, sublinha que:

Así, lo que más importa y es necesario al cortesano para hablar y escribir bien es saber mucho. Porque el que no sabe ni en su espíritu tiene cosa que merezca ser entendida, mal puede decirla o escribirla. Esto cumple a sentar con buen orden lo que se dice o lo que se escribe después de expresarlo distintamente con palabras que sean propias, escogidas, llenas, bien compuestas, y sobre todo usadas hasta del vulgo, porque

éstas son las que hacen la grandeza y majestad del hablar, si quien habla tiene buen juicio y diligencia y sabe tomar aquellas que más propiamente expresan la significación de lo que se ha de decir, y es diestro en levantarlas, y dándoles a su placer forma como a cera, las pone en tal parte y con tal orden que luego en representándose den a conocer su lustre y autoridad, como las pinturas puestas a su proporcionada y natural claridad (cap. VII).(Apud LÓPEZ ESTRADA, 1961, p.67-68)

Diz uma lenda que o famoso português Francisco de Sá de Miranda havia recebido das mãos de seu amigo António Pereira um manuscrito com as poesias de Garcilaso, por volta de 1536-37, data justamente da composição da égloga "Nemoroso", que fora escrita exatamente para celebrar a morte de Garcilaso ocorrida em outubro de 1536(MIRANDA, 1989, p. xxviii)e para agradecer o presente que tanto iria influenciar a sua obra poética: "EmbiástemeelbuenLaso; / ire pagando así mi paso a paso" (IDEM, IBIDEM, p.231).

Como se sabe por vários testemunhos poéticos e por outros textos da época, o círculo em que Boscán e seus companheiros nas letras transitavam também era freqüentado por muitos humanistas portugueses de alto quilate. Sá de Miranda chega a citar textualmente, numa de suas epístolas a António Pereira, que a vida retirada no campo possibilitava o contato mais pleno com as melhores leituras (TEIJEIRO FUENTES, 1996). Dentre elas, mencionava com destaque as obras de Garcilaso e de Boscán.

Como se sabe, a publicação da obra poética de Juan Boscán se dá no mesmo ano em Castela e em Portugal (Lisboa, Luís Rodrigues, 2 de novembro de 1543, com privilégio real), apenas com alguns meses de diferença. De fato, várias poesias de Boscán corriam manuscritas e muitas outras a ele eram atribuídas erroneamente. Foi por meio do procurador da viúva de Boscán, Ana Girón de Rebolledo a quem o autor outorgara, em testamento, o direito de publicação, foi permitida a impressão dessa obra em Portugal (PEIXOTO, 1960; RIVERS, 1996). De qualquer forma, o que parece claro é que havia na Península Ibérica um "circuito poético" de obras e autores ou uma mesma "república das letras" (HELGERSON, 2007), com semelhança de temas e de esquemas formais, de modo que cada composição, em particular, poderia sugerir um diálogo poético entre seus membros.

Referências Bibliográficas

CRUZ, Anne J..*Imitación y Transformación*. El petrarquismo en la poesía de Boscán y Garcilaso de la Vega. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.
GIRÓN DE REBOLLEDO, Ana (org.). Las Obras de Boscan y algunas de Garcilaso de la Vega repartidas en quatro libros. Lisboa en casa de Luís Rodrigues, librerodelrey nosso senhor a dos dias de NoveimbreM.D.xliij [1543], Seção de Obras Raras da Biblioteca Dom Manuel II (BDM II)/Vila Viçosa/Portugal.

_____. *Las Obras de Boscan y algunas de Garcilaso de la Vega*, s.l., s.d., 1546, Seção de Reservados/Biblioteca Nacional de Portugal/Lisboa/Portugal – Res. 4627 P.

HELGERSON, Richard. *A SonnetfromCarthage*. Garcilaso de la Vega and the New Poetry of Sixteenth-Century Europe. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.

HERRERA, Fernando de. Vida [y elogio] de Garci Lasso de la Vega. In: _____. *Anotaciones a la poesía de Garcilaso*. Edición de Inoria Pepe y José María Reyes. Madrid: Cátedra, 2001.

LAPESA, Rafael. *La trayectoria poética de Garcilaso*. Madrid: Revista de Occidente, 1948.

LÓPEZ ESTRADA, Francisco. *Antología de Epístolas*. Barcelona: Labor, 1961.

LUJÁN ATIENZA, Ángel Luis. La epístola de Garcilaso a Boscán: entre el *sermo* y la *oratio*. *Bulletin of SpanishStudies* v. LXXX, number 2, 2003, pp.179-181.

MIDDLEBROOK, Leah. *New Poetry and New Subjects in Early Modern Spain*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 2009.

MIRANDA, Francisco de Sá de. *Poesias*. Edição de Carolina Michaelis. Lisboa: INCM, 1989.

PEIXOTO, Jorge. A edição de Lisboa de 1543 das "Obras" de Boscán e Garcilaso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960, Separata do *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, v.I, n.3.

PÓNTON, Gonzalo. *Correspondencias*. Los orígenes del arte epistolar en España. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002.

POZUELO CALERO, Bartolomé. De la sátira epistolar y la carta en verso latinas a la epístola moral vernácula. In: LÓPEZ BUENO, C. (org.). *La Epístola*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2000, pp.74-98.

REICHENBERGER, Arnold. Boscán's Epístola a Mendoza. *HispanicReview*, v.XVII, January 1949, n.1, pp.1-17.

RIVERS, Elias L. The Horatian Epistle and its introduction into Spanish Literature. *Hispanic Review*, v. XXII, n.3, July 1954, pp.180-196.

_____. Garcilaso, Góngora and their readers. In: RUBIN, David L. (Ed.). *Studies in Early Modern France*. Charlottesville: Rookwood, 1996, pp.67-78.

TEIJEIRO FUENTES, Miguel. El Solar de Basto: un lugar ameno para la poesía. *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera*. Cáceres, 1 al 3 diciembre 1994. Edición Juan M. González y Antonio V. Camarasa. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1996, t.I, pp.129-143.